

Ceuta, 600 anos depois

Em Agosto de 1415 Portugal chega a Ceuta com 20.000 a 45.000 homens, as fontes divergem, transportados em mais de 200 barcos e rapidamente D. João I e os seus filhos Duarte, Pedro e Henrique “O Navegador” se apoderam da cidade, desembarcando nas praias hoje denominadas de Santo Amaro.

Começou por perto a conquista de África e do Mundo, exactamente por este importante porto “Chave do Mediterrâneo”, à porta do Atlântico, que já fora de Fenícios e Gregos, Cartagineses e Númidas, Mauritanos, Romanos, Vândalos e Visigodos e mais uns outros quantos povos muçulmanos.

Aí governamos por mais de 200 anos, formalmente mesmo durante a dinastia dos Filipes.

Mas em 1640, com a Restauração e D. João IV e a saída da cena portuguesa de Filipe IV de Espanha, III de Portugal, com o monarca espanhol saiu também Ceuta.

Foi-se Ceuta, mas ficaram os símbolos portugueses.

Manteve-se a bandeira, semelhante à da cidade de Lisboa, de gomos pretos e brancos, mas com o brasão de armas português ao centro e os seus 7 castelos e 5 quinas.

É interessante entrar hoje num táxi em Ceuta e ver espalmado na porta o escudo de Portugal, ou ver que a cidade emuralhada é exactamente a das muralhas que construímos.

Não é assim surpresa que em Ceuta nos sintamos em casa e que os ceutís, ou “caballas”, não nos tratem como estrangeiros.

A Casa de Ceuta em Algeciras e a Federação de Associações de Vecinos de Ceuta estão a comemorar este ano os 600 anos da chegada dos portugueses.

Por seu convite estivemos em Ceuta, a 22 e 23 deste mês, o “Coro Advocal”, de Coimbra, sediado no CDC da Ordem dos Advogados, portador, aliás, de uma lembrança da Câmara Municipal de Coimbra para as entidades organizadoras, mais os Coros “Adagio”, de Portimão, “Audite Nova”, de Lisboa, “Canto e Encanto”, de Canas de Senhorim, “Lisboa Cantat”, de Lisboa e “Ossónoba”, de Faro.

Aí nos juntamos ao Coro local “Andrés del Rio Abaurrea”.

Coimbra, fortemente aplaudida, subiu bem alto, com um repertório musical totalmente centrado na cidade, desde “Coimbra é Sol”, do filme “Capas Negras”, de 1947, à “Balada da Despedida do 5º ano Jurídico de 88/89”, passando por 5 temas de José Afonso, tudo em versões próprias para coro misto da autoria do seu Maestro Augusto Mesquita.

Ficou o desejo de lá e a esperança e o desejo de cá, de um dia ali voltar, sob a protecção espiritual de Nossa Senhora de África, Patrona de Ceuta, cuja imagem foi oferecida e para aí enviada pelo Infante D. Henrique em 1421 e debaixo da autoridade do “ALEO”, objecto levado e símbolo político implantado por Pedro de Meneses, primeiro Governador do território.

Hoje Ceuta é uma mescla de culturas e religiões, avantajando-se as católica e muçulmana. Quem disse que não se entendem, nem complementam ?